

## TRÂNSITOS ENTRE ARTES VISUAIS E IMAGINÁRIOS ECOSÓFICOS

DHARA CARRARA<sup>1</sup>; BERENICE BAILFUS<sup>2</sup>; CLÁUDIA BRANDÃO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – dharafernanda.piraju@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – bere.bailfus@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo faz parte da intersecção de duas pesquisas em andamento do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (PPGAV), no Centro de Artes, uma pela linha de Educação em Artes e Processos de Formação Estética, a qual trata a questão da arte em conjunto com a educação ambiental e, a outra seguindo pela linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, trazendo como foco o auxílio das poéticas na (des)construção de imaginários e portanto, na aceitação da identidade. Ambas as pesquisas estão vinculadas ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq).

Este trabalho se respalda na relação que há entre corpo, imaginário subjetivo e social, além de abordar a questão ambiental também entrelaçada com as anteriormente citadas. Para realizar essa abordagem, recorre-se aos autores: Guattari (2011), no que diz respeito aos conceitos de ecosofia e as 3 ecologias; Maffesoli (2008) para conceituar imaginário social e; Durand (2001) para introduzir e definir o que é imaginário. Assim, este recorte de pesquisa também atua como ponto de conexão entre Artes Visuais e Educação Ambiental.

Esse recorte tem por objetivo exemplificar acerca da construção de imaginários para, posteriormente, estimular a sua desconstrução através das poéticas. Isto porque o imaginário coletivo atual se baseia em preceitos e valores de ordem moral e social de outro tempo histórico, perpetuando assim, características excludentes, machista, racista e lgbtfóbica.

Mas, para compreender essa questão, antes se faz necessário uma contextualização tanto de conceitos, bem como de delimitação do tempo e espaço aqui tratados. Acerca disso, ressalta-se que as imagens manifestam símbolos referentes à uma época, assim, mais do que elementos visuais, o simbolismo impregnado nas imagens também são narrativas visuais de uma determinada sociedade. Sendo assim, o imaginário é a tradução visual de sentidos histórico-sociais, porém, também atribui significados, seja na questão de criar novos, bem como de perpetuar antigos. Noutras palavras:

A imagem simbólica é transfiguração de uma representação concreta através de um sentido sempre abstrato. O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério (DURAND, 1988, p. 12).

Portanto, nossos imaginários subjetivos não só compõe o intitulado imaginário coletivo, como também é composto por ele. Por imaginário coletivo entende-se que é uma configuração de imaginação, isto é, figuras, formas, valores previamente perpetuados através de arquétipos, símbolos, imagens, mitos, etc.

Nas palavras de MAFFESOLI, [...] *el mundo social es, ante todo, el resultado de nuestras representaciones, de nuestros imaginarios y de nuestras imaginaciones*. (MAFFESOLI, 2008, p. 15).

## 2. METODOLOGIA

A metodologia desta investigação parte da junção de recortes de duas pesquisas qualitativas, dentre as quais, ambas partem pelo viés da pesquisa autobiográfica, já que se estruturam pelo lugar de fala pessoal, contemplando características da pesquisa-ação. Desse modo, as pesquisas partem de um ponto pessoal das pesquisadoras e se encontram como vértice interconector no que diz respeito à questão do imaginário e da sua devida desconstrução, atualizando os valores de maneira a incluir a pluralidade da sociedade e ampliar a consciência ambiental, que estabelece relação direta com o conceito de ecosofia proposto por Guattari.

Antes de tudo, primeiramente é necessário exemplificar o que são as três ecologias. A primeira ecologia refere-se ao sujeito e seu subjetivo, isto é, tudo que envolva um diálogo íntimo consigo. Essa relação do subjetivo conversa com a *locus* (localização) social, ou seja, a configuração do meio social de que esse corpo/sujeito compõe, o que por si já se aproxima de outra ecologia, a social.

A ecologia social, como o próprio nome diz, se refere ao social, ou seja, ocupa-se de propor novas formas de conviver em grupo, pensando pelo viés do desenvolvimento de uma coexistência harmônica. Partindo disso, entende-se que os vínculos sociais dizem respeito à uma construção cultural referente a um ambiente específico.

Acerca do ambiente, apresenta-se a última ecologia, a ambiental. Ressalta-se que a definição ambiental é colocada para abranger qualquer meio, qualquer ambiente, tanto natureza, bem como espaço urbano. Até porque, independente do espaço, este se relaciona com o imaginário dos sujeitos ali presentes.

Portanto, o imaginário subjetivo é retroalimentado pelo social. A construção de imaginário coletivo por sua vez, entra em contato direto com as relações sociais e de ambiente. Por isso, a ecosofia se trata de uma reflexão sensível entre homem e natureza, memória e história, social e imaginário, mas para além de uma ampliação de consciência, faz parte de um processo prático ético-político.

O diferencial é que ao desenvolver uma das ecologias, também se desenvolve a relação com as demais, isto porque as ecologias são conectadas entre elas. Não há como ter uma reflexão crítica e sensível de apenas uma direção.

Por isso que as artes visuais se apresentam como fator importante para esse caminho de reflexão, já que a partir da estética, dos objetos artísticos, principalmente falando daqueles pertencentes à Arte Contemporânea. A contemporaneidade, bem com a produção artística de seu tempo, tem em sua maioria, se voltado para a questão da identidade. Por isso que nos últimos anos, a pluralidade identitária vem ganhando força no meio visual.

Entretanto, destaca-se que não se trata mais de representação e de escolher material e técnica da melhor “qualidade” e “investimento”, mas de apresentar os sujeitos. A maioria das obras contemporâneas são efêmeras nesse sentido, pois não são produtos para apreciação, mas para reflexão crítica, a qual estimula o sensível e aguça o olhar.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, as pesquisas realizaram um levantamento bibliográfico. Além do mais, a partir dos objetos artísticos e históricos, consegue-se apresentar como se deu essa construção histórico-social a partir do corpo, por exemplo, e como ela se perpetuou até os dias de hoje através do imaginário subjetivo e social da população.

Um exemplo disso são as inúmeras representações do corpo feminino gordo e voluptoso, o qual se estende com força entre os séculos XVII e XVIII, mas que hoje é extremamente evitado, pois o “padrão de beleza” se atualizou. Essas diversas representações sobre o corpo manifestam simbolicamente o poder hierárquico da época projetado.

Mais do que contextualizar, as pesquisas aqui interseccionadas objetivam estimular uma revolução ética a partir da estética, ainda que cada uma atuando mais especificamente em uma ecologia, a mental e a ambiental, embora ambas atuem também ativamente no âmbito social. Já que, nossa relação com as direntes ecologias se apresenta cada vez mais deturpada e equivocada, tendo como base dessa configuração o individualismo, egoísmo e consumismo exacerbado.

Precisa-se intigar um olhar atento, tanto a nossa volta, bem como direcionado para nós, nossas atitudes e comportamentos perante a sociedade e o ambiente. Um indivíduo que consegue olhar para si, consegue olhar para o outro e para o meio.

Entretanto, aquele sujeito que não desenvolveu essa relação e esse olhar sensível, contamina o imaginário coletivo tanto quanto aquele que o fez. Esse é um dos motivos que mostra a relevância dessas pesquisas e desta em especial, a qual junta as duas como meio propositor de se pensar a construção do imaginário, mas para além disso, a sua necessária desconstrução.

Afinal, para incluir identidades, representatividade, coletividade, tem que se remover as características hegemônicas de dominação, a qual é historicamente presente no nosso desenvolvimento humano. Trata-se de uma exploração oriunda de um grupo social em detrimento de outro, pois, as características preconceituosas fazem parte dessa colocação, na qual o grupo social dominante referente ainda é aquele composto por homens, brancos, cis, héteros e ricos, se tratando do espaço da sociedade ocidental.

Portanto, ao quebrar com esses paradigmas mantidos ao longo do tempo através do imaginário e tudo que ele consome e constrói, se cria espaço. Dentro desse espaço criado, pode-se então incluir demais grupos, discursos, corpos, personalidades e identidades.

### 4. CONCLUSÕES

Assim, as pesquisas aqui referenciadas dizem respeito à uma compreensão histórica, reflexiva e sensível e, a partir da arte, mais especificamente das artes visuais e principalmente, da arte contemporânea, apresentar novas narrativas e analisar através dessas a potência de transformação da realidade.

A própria arte contemporânea apresenta potência de mudança para tal, ainda que muitas produções artísticas partam de um ponto subjetivo do artista, criam possibilidade de contato com o subjetivo do público. Mais do que isso, também exercem ação de interferência nesse imaginário, promovendo um público



não apenas receptivo, mas ativo, corpóreo, configurando seu corpo também como espectador emancipado e propositor de reflexão.

O corpo nesse caso é o elemento desvelador, mas também há obras em que esse elemento é a natureza ou até mesmo o outro. Tudo isso apresenta uma possibilidade de percepção, seja a partir de algo que toca no seu subjetivo; no social, ao olhar para o outro e as relações e; ambiental, ao olhar para o que está a nossa volta.

Esses temas se tornam ainda mais dignos de reflexão e necessários no tempo atual. Com a pandemia do vírus covid-19, potencializou a visibilidade da rasa consciência da população, tanto acerca de si, do outro e do meio.

Sobre isso, pode-se destacar principalmente as ações de desrespeito ao meio ambiente como as queimadas realizadas no pantanal, mas em todo o mundo, originadas por sujeitos que tem apenas interesse financeiro, transformando florestas repletas de vida, fauna e flora, em cinzas para posteriormente, virar pasto e então, lucro.

Mas não para por aí, essa realidade tem inúmeras ações problemáticas em ação, como tráfico de animais. Esse ponto é apenas mais um que justifica a importância de se entender enquanto sujeito parte de algo cósmico.

Por fim, as pesquisas ainda estão em desenvolvimento, porém já conseguem apresentar argumentação quanto à relação significativa entre imaginário e cultura. Ademais, contribuem não apenas para uma compreensão histórica-social, mas também para a renovação desse imaginário problematizado.

Portanto, em termos de informação e conscientização, a produção de artes visuais contemporânea e inclusive das autoras, debatem visualmente com um discurso também político e ativista. Propondo, então, uma articulação ética-política, micropolítica e ativista através da estética, atuando como espaço de construção de uma educação sócio-ambiental. Em outras palavras, partindo de uma renovação imagética, moral, social e ética pela pesquisa-ação em artes visuais e educação em artes visuais, promove-se também uma relação ecosófica (GUATTARI, 2011).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, DIFEL, 2001.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Iconologías**: Nuestras idolatrías posmodernas. Grup Editorial 62, S.L.U., Ediciones Península, Barcelona. Traducción de Jordi Terré, 2008.